

Goldemberg critica pólos de Collor

Os centros de educação ambiental, ou pólos ecológicos, propostos pelo Ministério da Educação e cujo primeiro, em Porto Seguro, Bahia, teve o seu decreto de criação assinado em junho pelo presidente Collor foram criticados ontem pelo secretário Nacional de Ciência e Tecnologia, José Goldemberg. "Vejo como um elitismo preocupante", disse Goldemberg durante o 5º Seminário Nacional de Educação Ambiental, promovido pela Comissão de Qualidade de Ensino do Conselho Federal de Educação (CFE).

"Acho que centros como esses são experiências pontuais e, que por isso, não terão como chegar, por exemplo, à periferia de São Paulo", observou o secretário Nacional de Ciência e Tecnologia que defende aulas de educação ambiental das cerca de 20 mil escolas do País. "Ela deve atingir as 30 milhões de crianças e não algumas", disse Goldemberg sobre os centros que serão instalados, além de Porto Seguro, na Floresta Amazônica, Pantanal e pontos da Mata Atlântica.

Além das críticas aos pólos ecológicos, José Goldemberg vê como falha a não inclusão de um programa de ecologia nos Centros Integrados de Apoio à Criança (Ciacs). "Se-

ZULEIKA DE SOUZA



Di Gênio (D) defendeu no encontro a educação ambiental obrigatória no currículo escolar

gundo os especialistas, noções de meio ambiente em crianças em idade média de dez anos cria um impacto enorme", afirma. "Seria uma ótima oportunidade para a realização desse trabalho".

José Goldemberg discorreu ainda, sobre a necessidade de maior estímulo à criação de cursos de pós-graduação de Ciências Ambientais, a exemplo do existente na Universidade de São Paulo (USP).

Objetivo — A educação ambiental como obrigatoriedade curricular em todos os níveis de ensino também foi defendida pelo reitor da Universidade Paulista (Unip) e presidente do Centro Educacional Objetivo, João Carlos

Di Gênio. Em 1984, ele tornou obrigatória a disciplina Ecologia no currículo da primeira série do segundo grau do Objetivo, que rendeu três anos depois a implementação dos cursos de ciências do meio ambiente.

O primeiro desses cursos, batizado de Projeto Paranoá, foi criado em Brasília em 1988 e desde então professores e alunos munidos de kits, navegam nas águas do lago Paranoá coletando amostras da água para análise. O segundo, a Escola do Mar, instalada no mesmo ano em Angra dos Reis, no Rio de Janeiro, já recebeu cerca de três mil alunos, que junto com professores do Objetivo estão elaborando um projeto de criação de ostras no local, na tentativa de evitar a pesca predatória por parte dos pescadores. O mais recente, é a Escola Amazônia, às margens do rio Negro, a 30 quilômetros de Manaus, que desde 1989 vem formando e capacitando professores na área ambiental.

Di Gênio explicou também o projeto de Documentação e Exploração do rio Demene que será iniciado no próximo dia 15, por oito pesquisadores e professores do Objetivo. O trabalho que será apresentado na Rio-92, fará um mapeamento dos principais ecossistemas da área e um levantamento dos problemas ambientais do rio.